

**OS GÊNEROS NOTÍCIA E EDITORIAL: INFORMAÇÃO E OPINIÃO NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA
NEWS AND EDITORIAL GENRES: INFORMATION AND OPINION IN
THE PROCESS OF TEACHING AND LEARNING PORTUGUESE
LANGUAGE**

*Maiara Cristina Segato**
*Neil Armstrong Franco de Oliveira***

Introdução

Tradicionalmente, o ensino de Língua Portuguesa restringia-se às regras gramaticais e aspectos estruturais do texto. Dessa forma, ao longo dos anos, professores e pesquisadores perceberam e começaram a questionar a inconsistência desse ensino prescritivo, visto que ele não dava conta de todas as possibilidades de uso da língua. A preocupação com o ensino de Língua Portuguesa vem, desde então, se mostrando cada vez mais presente entre as pesquisas no campo dos estudos linguísticos, mais especificamente no campo da Linguística Aplicada, a qual elege os gêneros discursivos como objetos de ensino, no âmbito escolar.

Sendo assim, as políticas educacionais brasileiras em geral e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) de Ensino de Língua Portuguesa, em particular, fundamentando-se em teorias sociointeracionistas da linguagem, reconhecem a necessidade do ensino de Língua Portuguesa com base nos gêneros discursivos. Com o objetivo de atender às sugestões dos PCNs, os programas escolares buscam trabalhar com gêneros diversificados. No entanto, grande parte dos professores sente-se despreparada e desprovida de materiais e metodologia para uma abordagem de ensino utilizando os gêneros, como instrumento didático, em sua prática profissional.

Dessa forma, para o desenvolvimento da nossa pesquisa, partimos das seguintes indagações: que pressupostos teóricos e metodológicos têm ancorado a prática de ensino da escrita e da leitura na instituição escolar? Qual seria a metodologia mais eficaz na prática educacional ou ainda quais seriam as ferramentas e técnicas necessárias para as atividades de leitura e escrita em sala de aula? De que forma os educadores podem utilizar os gêneros discursivos para o desenvolvimento linguístico e comunicativo, bem como para a formação crítica dos educandos?

Nesse sentido, a partir das orientações dos PCNs e do avanço dos estudos linguísticos, são propostas algumas teorias apresentando os gêneros como objetos ensináveis no processo de ensino e aprendizagem de língua materna. Dessa forma, a fim de contribuir com essa proposta de trabalho com gêneros, pautando-nos, sobretudo, na teoria dos gêneros discursivos de Bakhtin (1997) e nos postulados da

Linguística Aplicada, temos o objetivo de utilizar os gêneros jornalísticos notícia e editorial, dos quais é gerada uma circulação de informações e opiniões intrinsecamente carregadas de ideologia, como sugestões didáticas para uma prática mais eficaz nas aulas de Língua Portuguesa, permitindo ao professor desenvolver nos alunos habilidades linguísticas e discursivas e orientá-los para uma leitura crítica do papel que a mídia exerce na sociedade.

Apontamentos teóricos

Para o teórico russo Mikhail Bakhtin (1997), a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico, em que a interação verbal, cada situação de uso da língua, efetiva-se por meio de “tipos relativamente estáveis de enunciados”, isto é, por meio dos gêneros, que são produzidos nas infindáveis atividades humanas, em suas mais variadas esferas, e refletem “as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Assim, cada esfera da atividade humana elabora tipos específicos de enunciados e cada enunciado constitui-se de marcas específicas da esfera de comunicação no qual está inserido, pois, conforme acrescenta Bakhtin (1997, p. 279), no “todo” desses enunciados há elementos que o compõem e fundem-se indissolúvelmente, sendo estes: “conteúdo temático, estilo e estrutura composicional”, que são fatores que determinarão a escolha do gênero do enunciado e condicionarão uma “compreensão responsiva”, sendo que, na escolha desses aspectos estão incluídas as vozes sociais e as ideologias pretendidas. A saber, o conteúdo temático refere-se ao domínio de sentido de que se ocupa o gênero, o estilo é a seleção de recursos linguísticos específicos de determinado gênero e a estrutura composicional é o modo de organizar e estruturar o texto.

Os gêneros abrangem a totalidade do uso da linguagem, ou seja, nas modalidades escrita e oral, sendo divididos em “primários” e “secundários” (BAKHTIN, 1997, p. 282). Grosso modo, os primários são os gêneros da vida cotidiana, predominantemente, mas não exclusivamente, orais. E os secundários pertencentes à esfera da comunicação mais elaborada, preponderantemente, mas não unicamente, escritos. É preciso considerar que, em Bakhtin, o termo “relativamente estáveis de enunciados” implica na historicidade dos gêneros, isto é, os gêneros estão em contínua mudança e se ampliam de acordo com o desenvolvimento das próprias esferas, refletindo seus avanços históricos e tecnológicos, como observa o autor: “A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Conforme Bakhtin (1997, p. 301), “para falar utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso”. Sendo assim, podemos dizer que os gêneros do discurso são fenômenos sócio-históricos que se inserem no contexto de atividades sociodiscursivas, surgindo da interação entre os indivíduos a partir do uso efetivo da língua e sendo escolhidos de acordo com as intenções comunicativas. Dessa forma, segundo Bronckart (1999, p. 103), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Portanto, é o conhecimento e o domínio que as pessoas têm, ainda que inconsciente, da variedade e dinamicidade dos gêneros que possibilitam a comunicação verbal nos diversos usos sociais.

A pesquisa em desenvolvimento

Até o presente momento da pesquisa fizemos estudos sobre a teoria que a embasa, ou seja, os gêneros discursivos de Bakhtin; os gêneros notícia e editorial; o tratamento dado pela escola em relação à sugestão dos PCNs, de ensino fundamentado nos gêneros; bem como estudos com base em argumentações teóricas que aprovam os gêneros discursivos notícia e editorial como uma perspectiva eficaz no ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

O gênero “é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2010, p. 61). Portanto, a escola tem a tarefa de ensinar a língua para as e nas práticas sociais de uso, pois o conhecimento e a experiência com diversos gêneros permitem a produção e a compreensão de textos orais e escritos. Dessa forma, com intuito de garantir a formação básica comum, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Ensino de Língua Portuguesa propõem fundamentar o ensino e aprendizagem, a compreensão e a produção textual em língua materna pautados na perspectiva dos gêneros discursivos, visando ao desenvolvimento da capacidade linguística e discursiva do aluno:

É necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar

todos os gêneros em circulação social (BRASIL, 1998, p. 23-24).

Nessa perspectiva, conforme exposto no decorrer dos PCNs (1998), os gêneros discursivos diversos “são tomados como objetos de ensino e são, portanto, responsáveis pela seleção dos textos a serem trabalhados como unidades de ensino” (ROJO, 2008, p. 34). Sendo assim, tanto os PCNs quanto as teorias linguísticas subjacentes a eles propõem que o professor de Língua Portuguesa, focalizando a linguagem como forma de interação e a língua como um objeto heterogêneo, utilize os diversos gêneros, resultantes da atividade discursiva, que circulam socialmente e, com base neles, estabeleça como atividades fundamentais do ensino e aprendizagem a leitura e a produção de textos. No entanto, nota-se uma divergência entre os procedimentos preconizados pelos PCNs e teorias linguísticas e a realidade da prática cotidiana de professores dos diversos níveis de ensino. Ao se deparar com as orientações dos documentos oficiais, como os PCNs, de ensino com base nos gêneros, o professor sente-se despreparado e encontra grandes dificuldades ao utilizar esse instrumento didático para que os alunos possam assumir discursos variados e, conseqüentemente, contribuam na escrita e na construção de sentido do texto. Muitos professores julgam conhecer e dominar os conceitos teóricos sobre os gêneros, contudo, ainda continuam assumindo posições que nada correspondem à concepção sociointeracionista da linguagem, ou seja, o trabalho com os gêneros tem sido realizado somente sob um aspecto estrutural e gramatical, desvinculado do contexto sócio-histórico-cultural.

Segundo Dolz (apud NASCIMENTO, 2009, p. 73), “Não há escrita sem leitura, nem textualidade sem oralidade”. Dessa forma, é preciso realizar um complexo trabalho com o texto, sendo que o professor precisa mobilizar uma interação entre leitura e escrita, não utilizando o texto somente como pretexto para ensinar gramática e com pouco desenvolvimento de capacidades de linguagem para a produção escrita e leitura compreensiva e crítica. Embora os gêneros devessem configurar as atividades na sala de aula, o modo pelo qual o professor utiliza esse objeto de ensino impossibilita um trabalho eficaz, representando, assim, um obstáculo para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

Considerando essa problemática, conforme sugeridos pelos PCNs (1998), entre os gêneros a serem trabalhados nas atividades de leitura e produção, o que chamou de gêneros “de imprensa”, escolhemos para a nossa pesquisa os gêneros notícia e editorial, pertencentes às categorias jornalísticas informativa e opinativa, respectivamente, a fim de romper com os paradigmas tradicionais do sistema convencional de escrita e da mera decodificação da leitura. Acreditamos que trabalhar com tais gêneros da esfera jornalística em

sala de aula, possa, além de desenvolver habilidades linguísticas e discursivas, ampliar a consciência crítica e reflexiva dos alunos em vista do conteúdo veiculado pela mídia, possibilitando-lhes tornarem-se cidadãos ativos na sociedade.

A principal finalidade do jornalismo é relatar os fatos mais importantes do nosso cotidiano. Atualmente, somos bombardeados por uma enorme quantidade de informações, que nos chegam através da mídia. Dessa forma, tem-se aumentado significativamente a ânsia do cidadão na busca por novas informações, diariamente. Segundo Franco de Oliveira (2009, p. 78-79), “a disputa entre os meios de comunicação mais próximos do pólo comercial pelo furo, pela exclusividade de informação e pelo reconhecimento do público é baseada na pressa, precipitação e constante inovação”. Sendo assim, não apenas no caso de veículos impressos como também nos eletrônicos, a concorrência torna-se um componente decisivo das empresas que têm o jornalismo como negócio, estabelecendo as mais diversas estratégias de ação nesta competição. A própria seleção do que será noticiado, além de denotar clara preferência por uma tendência política ou ideológica, pressupõe uma obrigação à “lógica do mercado”, seguindo padrões preestabelecidos pela mídia e disputando o público leitor via busca de colocação mais rápida do produto no mercado.

Embora recomendado pelos PCNs, o uso de textos jornalísticos em sala de aula, a atividade jornalística sob enfoque de mercado não é um assunto devidamente analisado e discutido nas escolas. Portanto, ao utilizarem-se como objetos de ensino os gêneros notícia e editorial, deve-se ter em mente que os textos jornalísticos não são meras reproduções dos acontecimentos e opiniões e que os meios de comunicação jornalísticos decidem o que “devemos ou não” saber acerca dos fatos ocorridos no mundo.

A mídia, enquanto responsável pela divulgação e mediação dos fatos ocorridos no dia-a-dia, intervém e influencia no cotidiano social e nos padrões de comportamento da sociedade, por meio de marcas ideológicas constitutivas de seu discurso que se torna, em muitos momentos, para uma parcela considerável da sociedade, incontestável. Assim, o discurso jornalístico, “sob uma aparente neutralidade”, constrói a opinião pública, orienta posicionamentos ideológicos e dita regras e valores. Dessa forma, é de fundamental importância o estudo dos gêneros pertencentes à esfera jornalística para uma reflexão sobre a relação ideológica que perpassa a qualquer texto.

Na busca por sistematizar e definir os gêneros do jornalismo brasileiro, Melo (1994), professor e pesquisador na área da Comunicação, propõe classificá-los em duas categorias diferentes: “gêneros informativos (nota, notícia, reportagem e entrevista)”, que têm exclusivamente a função de informar um fato de interesse

relevante para a sociedade, com objetividade e imparcialidade e “gêneros opinativos (editorial, comentário, artigo, resenha/crítica, crônica, coluna caricatura e carta)”, que têm a função de difundir opiniões com um caráter persuasivo em relação ao leitor (MELO, 1994, p. 45).

A notícia é um gênero cuja especificidade é a informação. O gênero notícia tem a finalidade de relatar com uma pressuposta imparcialidade e compromisso de verdade os acontecimentos do cotidiano de maior relevância, inéditos e de interesse público, como fatos políticos, econômicos, culturais, esportivos, trágicos, escandalosos e sensacionais. Em relação aos aspectos estruturais, a notícia é composta por: “Manchete”, isto é, as letras em destaque, indicando o assunto eleito como o mais importante entre as notícias de dada edição; “Lead ou Lide” (categoria opcional) que é a abertura da notícia, apresentando o assunto de modo breve ou destacando parte mais relevante do tema; e o “Evento principal” que é a notícia propriamente dita (AZEVEDO, 2009, p. 29). Segundo Azevedo (2009, p. 29), “há outras categorias para o texto noticioso postuladas por Van Dijk, como o *background*, fragmento do texto em que se dá informação que não é parte dos eventos, mas que auxilia na percepção do contexto”.

A exatidão é o elemento-chave da notícia, mas vários fatos descritos com exatidão podem ser justapostos de maneira tendenciosa. Infelizmente, muitas instituições jornalísticas, tendenciosamente e a qualquer preço, omitem ou inserem informações no conteúdo das notícias, vindo a interferir na exatidão do relato, e influenciando um público leitor que de forma acrítica interpreta as informações como verdades absolutas. Nessa conjuntura, a notícia filtra e molda realidades cotidianas, conduzindo a vida diária do público leitor e, sobretudo, contribuindo para a manutenção do senso comum.

O editorial é o espaço reservado para exprimir a opinião da empresa jornalística, marcado pelo caráter argumentativo, opinativo e crítico. Segundo Melo (1994, p. 79), “nas sociedades capitalistas, o editorial reflete não exatamente a opinião dos seus proprietários nominais, mas o consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização”. Assim, embora o editorial seja publicado de forma impessoal, marca a posição do consenso das opiniões dos componentes editorialistas da empresa jornalística a respeito de um tema pertinente e oportuno, geralmente polêmico, ou sobre os principais fatos do momento. O editorial é um gênero que tem sua temática orientada para a manifestação valorativa a respeito de acontecimentos sociopolíticos da atualidade histórica que são notícia jornalística.

O gênero editorial apresenta em sua estrutura: “Introdução” que é a apresentação do tema ou tese com o lançamento de uma idéia

principal para situar o leitor, já adotando um posicionamento; “Desenvolvimento ou Corpo da Matéria”, isto é, contextualização do tema, fundamentação do ponto de vista do jornal através de comparações com a realidade, demonstrando causas e indicativos concretos. Para isso pode apresentar exemplos, pesquisas, depoimentos, citações, retrospectivas históricas e quaisquer outros tipos de informações necessárias à sua boa fundamentação; e “Conclusão” que é a síntese das idéias gerais do texto, mas geralmente, apresenta um posicionamento crítico, sem fugir do assunto inicial, lembrando-se do que motivou a opinião e, preferencialmente, sem moralismo, pode sugerir, aconselhar ou indicar caminhos e soluções, também ancoradas em exemplos concretos (VIEIRA, 2009, p. 15).

Por meio de argumentos e contra-argumentos, o gênero editorial tem a finalidade de influenciar e dirigir a opinião dos leitores. No entanto, este “porta-voz” da instituição jornalística, contraditoriamente, segundo Melo (1994, p. 97), “[...] embora se dirijam formalmente à ‘opinião pública’, na verdade encerram uma relação de diálogo com o Estado”. Dessa forma, o autor revela sua percepção do editorial na imprensa brasileira, deixando claro que não se trata de expor as opiniões e reivindicações da sociedade, mas sim uma defesa de interesses dos segmentos empresariais e financeiros que representam.

O período restante da pesquisa servirá para a elaboração de sugestões nas atividades de leitura e escrita com base nos gêneros notícia e editorial. A proposta didática tem objetivo de apontar as habilidades que poderão ser desenvolvidas a partir do trabalho com os gêneros notícia e editorial, respeitando as especificidades desses gêneros.

Temos em mente que a leitura é uma etapa para a produção de textos. Assim, as atividades de leitura e a produção de textos devem ser interligadas e ligadas às práticas sociais. Dessa forma, é imprescindível a leitura de textos jornalísticos para a formação do leitor crítico. Sabemos que o texto não está pronto e acabado, portanto, a leitura tem de ser vista como atribuição de um sentido ao texto, a partir do conhecimento de mundo, experiências, vivências, bagagem cultural e leituras que variam de aluno para aluno. É necessário que, ao analisarem os gêneros notícia e editorial, os alunos façam um reconhecimento dos elementos do contexto e dos recursos linguísticos e discursivos utilizados em tais gêneros, pois as estratégias de construção textual são empregadas de acordo com as intenções e ideologias, a fim de persuadir o leitor. O reconhecimento de textos do gênero e de elementos que o constituem (características do gênero, em termos de conteúdo, composição, estilo) favorecem a aquisição e o desenvolvimento do saber escrito, permitindo a prática de produção textual.

O trabalho ainda em desenvolvimento não permite conclusões definitivas. O que se pode inferir é que os gêneros discursivos, como encaminhamentos teórico-metodológicos, podem ser de grande relevância no ensino e aprendizagem de língua portuguesa, produzindo um resultado significativo. Quando finalizada a proposta, ainda assim não se esgotará aqui, pois novas opções de trabalho com os gêneros notícia e editorial podem surgir a partir da experiência adquirida pelo professor ao utilizar esses e outros gêneros textuais em sala de aula.

Notas

* Graduanda em Letras da Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão – UNESPAR/FECILCAM. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. E-mail: maiarasegatolettras@gmail.com

** Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente é professor na Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão – UNESPAR/FECILCAM. Email: nafoliv@gmail.com

Referências

AZEVEDO, Amanda. Gêneros textuais: breves considerações acerca da notícia. In: DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret (org.). **Nos domínios dos gêneros textuais**. Belo horizonte: FALE/UFMG, p. 27-37, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Notícia**. Coleção Trabalhando com os gêneros do discurso. São Paulo: FTD, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ SEF**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 1999.

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula**. 13 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FRANCO DE OLIVEIRA, Neil Armstrong. "Saiu na Veja?": A relação escola/imprensa e os gêneros jornalísticos no ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. **Máthesis** – Revista de Educação, v. 10, nº 1, p. 71-90, jan./jun. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36, 2003.

MELO, José Marques de. **A opinião do jornalismo brasileiro**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirré. (orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino de linguagem. Bauru: Edusc, 2002.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. (org.). **Gêneros textuais**: da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Editora Claraluz, 2009.

ROJO, Roxane. (org.) **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

SCHNEWLY, Bernard; DOLZ Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 2 ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

VIEIRA, Rosaura Maria Marques. O editorial de jornal. In: DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. (org.). **Nos domínios dos gêneros textuais**. Belo horizonte: FALE/UFMG, 2009, p. 15-20.

Recebido em: março de 2012.
Aprovado em: agosto de 2012.